

## **RECENSÕES**



D. V. MECONI; E. STUMP (org.), *Agostinho*, trad. Jaime Clesen, Ideias & Letras, São Paulo, 2016, 454 p.

Esta obra é uma versão revisada do *Cambridge Companion to Augustine* publicado em 2012 nesta mesma coleção num volume então organizado por Eleonore Stump e Norman Kretzmann. A presente versão fez proveito do competente trabalho dos colaboradores anteriores e da valiosa contribuição de novos colaboradores. Nesta nova edição colaboram os seguintes autores, todos especialistas reconhecidos no domínio de investigação deste *Companion*: Lewis Ayres, professor de Teologia Católica e História na Universidade de Durham, Reino Unido; John C. Cavadini, professor de Teologia e McGrath-Cavadini, Director do Institute for Churchlife na Universidade de Notre Dame; Timothy Chappell, professor de Filosofia na Open University; Allan Fitzgerald, diretor do Augustinian Institute (desde 2009) e membro do Departamento de Teologia e Estudos Religiosos na Villanova University (desde 1972); John Peter Kenney, professor de Estudos Religiosos no Saint Michael's College; Peter King, professor de Filosofia e Estudos Medievais na Universidade de Toronto. Anteriormente lecionou na Universidade de Pittsburgh e na Ohio State University; Simo Knuuttila, professor de Ética Teológica e Filosofia da na Religião na Universidade de Helsinki; Scott Macdonald, professor de Filosofia e Norma K. Regan, professor em Estudos Cristãos na Cornell University; William E. Mann, que é Marsh Professor Emeritus of Intellectual and Moral Philosophy na Universidade de Vermont; David Vincent Meconi, professor no departamento de Estudos Teológicos na Saint Louis University; Bruno Niederbacher, professor associado de Filosofia no Departamento de Filosofia Cristã na Universidade de Innsbruck; Karla Pollmann, professora de Literatura Clássica na Universidade de Kent (Canterbury), professora-assistente de Teologia na Universidade de Arhus (Dinamarca), e professora extraordinária na Stellenbosch University (África do Sul); Eleonore Stump, professora de Filosofia Robert J. Henle na Saint Louis University, onde leciona desde 1992; Paul Weithman, professor de Filosofia Glynn Family Honors Collegiate na Universidade de Notre Dame, onde ensina desde 1990 e, finalmente, Thomas Williams, professor e presidente de Estudos Religiosos e Filosofia na Universidade de South Florida. Na

Civitas Augustiniana, 6 (2017) 215-219.

ISSNe: 2182-7141

DOI: <https://doi.org/10.21747/civitas/62017rec1>

presente versão, o trabalho de coordenação contou com a colaboração do novo editor, David Vincent Meconi, cujos conhecimentos em Patrística e História da Teologia foram fundamentais na ampliação dos contributos e no aprofundamento das questões desenvolvidos neste *Companion to Augustine*. Na avaliação dos novos organizadores, foi pensado que este volume revisado deveria ser melhor estruturado, de forma que suas seções refletissem temas mais comuns ao pensamento de Agostinho. Como também referem, esta reestruturação exigiu que fossem omitidos deste volume alguns ensaios muito bons que constavam na versão original.

Definida a nova estrutura da obra, onze dos dezessete capítulos são novos, e nove colaboradores foram acrescentados; seu conjunto está dividido em sete partes, sendo as seis primeiras consideradas as principais. Cada uma das seis primeiras partes representa uma área importante do pensamento de Agostinho, embora, dada a natureza dos seus escritos e interesses, haja uma inevitável sobreposição e complementaridade dos temas dos estudos aqui publicados. A sétima parte descreve o legado de Agostinho e sua enorme influência sobre as gerações subsequentes.

A primeira parte, intitulada “A natureza de Deus”, contém três capítulos que examinam as opiniões de Agostinho acerca dos vários atributos divinos. Scott MacDonald abre esta parte com o capítulo “A natureza divina: ser e bondade”, no qual mostra que a metafísica que Agostinho apreendeu da tradição platônica proporcionou-lhe uma rica estrutura a partir da qual foi capaz de compreender a explicação cristã de Deus. Em seguida vem o capítulo de John Cavadini “O conhecimento eterno de Deus segundo Agostinho”, no qual mostra que, para Agostinho, o conhecimento que Deus tem das criaturas é eterno, não temporal. Lewis Ayres fecha esta primeira parte com o capítulo intitulado “Agostinho sobre a vida trinitária de Deus”, apresentando Agostinho como herdeiro da tradição greco-latina anterior, nas suas discussões acerca da Trindade.

A segunda parte é dedicada à “Relação de Deus com o mundo” e, a exemplo da parte anterior, está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo, intitulado “Tempo e criação em Agostinho”, da autoria de Simo Knuuttila, está focado na análise dos comentários de Agostinho sobre o Livro do Gênesis, e evidencia a explicação influente dele sobre o tempo e a eternidade. Segue-se o trabalho de William E. Mann, “Agostinho sobre

o mal e o pecado original”. O capítulo de Allan Fitzgerald, “Jesus Cristo, o conhecimento e sabedoria de Deus”, fecha esta seção acentuando o foco de Agostinho sobre Cristo como o redentor do mal do mundo depois da queda.

A terceira parte, denominada “Natureza humana”, contém estudos sobre a complexa doutrina de Agostinho acerca da natureza humana e está dividida em três capítulos, como segue: o primeiro deles, de Bruno Niederbacher, discute a polêmica questão sobre “A alma humana: o caso de Agostinho para o dualismo corpo-alma”. A este se segue o capítulo “Agostinho sobre o conhecimento”, de Peter King, que elucida cinco áreas importantes da teoria do conhecimento de Agostinho. Por fim, em seu capítulo “Agostinho sobre o livre-arbítrio”, Eleonore Stump trata da luta de Agostinho para entender a natureza da liberdade da vontade humana.

A quarta parte da obra, “Excelência humana”, examina as opiniões de Agostinho acerca do bem-estar humano. Inclui dois capítulos que tratam da compreensão que o Filósofo tem da natureza e do desenvolvimento humano de pessoa. Em “A ética de Agostinho”, Timothy Chappell mostra que, na ética de Agostinho, a virtude é uma questão de comunhão e caridade. O capítulo de David Vincent Meconi, “A doutrina de Agostinho sobre a deificação”, mostra como o que é comumente associado aos Padres gregos está de fato no coração da explicação agostiniana da beatitude: a apreciação da divindade por parte da humanidade.

A quinta parte, “Vida política e eclesial”, dividida em apenas dois capítulos, examina as reflexões de Agostinho sobre a natureza da sociedade humana. Começa com o ensaio de Paul Weithman, “Filosofia política de Agostinho”, o qual mostra que, embora Agostinho nunca se considerasse um filósofo político, elementos influentes de filosofia política se encontram, no entanto, por todos os seus escritos. Por sua vez, em seu capítulo “Céu e a ‘ecclesia perfecta’ em Agostinho”, David Vincent Meconi examina a opinião de Agostinho acerca da finalidade última dos seres humanos – a verdadeira felicidade em Deus, a qual dá forma a muitas das demais posições filosóficas de Agostinho.

A sexta parte, centrada em “Linguagem e Fé”, está estruturada em quatro capítulos, nos quais se explicam o relato de Agostinho sobre conhecimento humano de Deus e a interpretação humana da comunicação

de Deus com os seres humanos. Para tal, num primeiro capítulo, intitulado, “Fé e razão”, John Peter Kenney investiga a opinião de Agostinho de que a razão humana é indispensável para assentir ao credo. Segue-se o ensaio “Agostinho sobre a linguagem”, de Peter King, o qual analisa a explicação de Agostinho sobre a natureza da linguagem. Peter King admite que Agostinho não apresenta uma “teoria do significado” em nenhum sentido moderno. O último capítulo desta parte é de Thomas Williams, “Hermenêutica e leitura da escritura”. Nele, o autor mostra que Agostinho pensou amplamente sobre a interpretação de um texto, mas especialmente sobre a revelação de Deus nos textos bíblicos.

Na sétima parte encontramos o último capítulo desta obra, “Legado de Agostinho: êxito ou fracasso?”. Nele Karla Pollmann mostra o duradouro poder do pensamento de Agostinho nos séculos posteriores a ele, indicando, primeiro, o amplo corpo de escritos pseudoagostinianos grandemente populares no período medieval-tardio e, depois, os muitos pensadores modernos e contemporâneos que dependem dele. Karla Pollmann conclui que a influência de Agostinho não pode ser reduzida a uma trajetória única. Ao contrário, as vicissitudes de sua recepção constituem um legado com muitos sobressaltos que, afirma Karla Pollmann, nos diz mais sobre os leitores de Agostinho do que sobre o próprio Agostinho.

Gostaríamos de, em primeiro lugar, apontar para o fato de que os organizadores acertaram na escolha dos ensaios e dos autores que compõem esta maravilhosa obra. Apesar de não termos lido a primeira compilação, conseguimos perceber que este livro não deixa a desejar quanto à relevância dos temas filosóficos abordados, bem como, também, pela erudição encontrada em cada um deles, o que deixa claro o grande conhecimento de cada um dos autores acerca do pensamento de Agostinho e dos comentadores que o interpretam.

Como estudante de Agostinho, mais especificamente da sua visão a respeito da linguagem, não poderíamos deixar de fazer uma menção especial ao ensaio, “Agostinho sobre a linguagem”, de Peter King. Nele, o autor consegue com excelência descrever a concepção de linguagem do Filósofo Hiponense, trabalho que não é nada fácil, face ao fato de que Agostinho era bastante assistemático como escritor e não escrevera uma obra específica sobre a linguagem. Acreditamos que dos muitos artigos que já lemos acerca deste tão importante tema, este seja o que mais

consegue expressar, de forma clara e abrangente, a questão da linguagem em Agostinho.

Destacariamos também o último capítulo do livro, onde encontramos expresso, também de uma forma bastante elucidativa, o legado deixado por Agostinho. Nele, Karla Pollmann é feliz ao ressaltar que a influência de Agostinho não pode ser reduzida a uma trajetória única, mas rica de interpretações diversas, que nos permitem ver não apenas o Agostinho de suas obras, mas os diversos “Agostinhos” dos agostinólogos ao longo da história.

Concluimos afirmando que esta é uma daquelas obras que ninguém poderia deixar de ler, especialmente se for amante da filosofia/teologia agostiniana. Ficamos muito felizes pelo fato de termos essa preciosidade traduzida para a língua portuguesa. Agora podemos indicá-la a todos os que se interessam por Filosofia Medieval, bem como se interessam por um dos maiores Filósofos daquele período e, porque não dizer, de toda a história da filosofia.

*Anderson de Assunção Ferreira<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa. E-mail: